

MEME – IMPULSO ALEGÓRICO DO SENSO COMUM PARA O SENSO COMUM

*MEME – ALLEGORICAL IMPULSE TO COMMON SENSE F
ROM COMMON SENSE*

Lucas Vilela Souza / UFRGS

RESUMO

Neste artigo, proponho olhar para o meme, na potência da ideia de impulso alegórico, como fenômeno de (re)interpretação do senso comum. Parte-se, inicialmente, da concepção de que o termo, por si próprio, representa a alta capacidade de replicação de fenômenos culturais na sociedade. Olhando para alta expressividade memética de ideias no ciberespaço, busco compreender, por meio da estrutura alegórica, como essa expressividade promove identificação coletiva de fenômenos. De modo empírico, analiso dois memes (feitos por estudantes do ensino básico à proposta curatorial da exposição O que resta após - Pinacoteca Ruben Berta, Porto Alegre, 2019) com objetivo de não só entender uma imagem imediata, mas também do grupo de sensibilidades de onde é projetada. Assim, pensar como o meme torna-se potência na (re)designação de dados políticos e estéticos do/ao senso comum.

PALAVRAS-CHAVE

Meme; Impulso alegórico; Replicação cultural; Senso comum.

ABSTRACT

In this article, I propose to look at the meme, in the power of allegorical impulse, as an event of (re)interpretation of common sense. It starts, initially, from the conception, by the term itself, it represents a high capacity of cultural replication phenomenon in society. Looking at the high memetic expressiveness of ideas in cyberspace, I seek to understand, through the allegorical structure, how this expressiveness promotes collective identification of phenomena. Empirically, I analyze two memes (made by elementary school students to an exhibition's curatorial proposal, 2019 [information suppressed - institution / city]) aiming not only understanding an immediate image, but also the group of sensibilities from which it is

projected. Thus, thinking about how the meme becomes power in the (re)designation of political and aesthetic data from/to common sense.

KEYWORDS

Meme; Allegorical impulse; Cultural replication; Common sense.

A concepção importante para dar início ao pensamento deste texto é a correlação de meme à replicação genética. Richard Dawkins (2007), quem inicialmente pesquisa sobre esse paralelo, diz que o conceito é algo pertencente à capacidade de se multiplicar e difundir entre indivíduos, a fim de se manter latente – como um vírus. Voltando-se para pensar particularmente a dispersão cultural de algum fenômeno, Dawkins pensa o meme como (des)gosto coletivo sobre algum tema político, ou de algum movimento estético.

Meme constitui um termo abrangente, no entanto, nesta análise, a questão de interesse está na projeção daquele que circula na internet, de modo a pensá-lo enquanto atitude (re)interpretativa e contingente de ideias (SHIFMAN, 2014). Assim, busco relacionar essa atitude dentro da teoria expandida da alegoria. Seja de modo tautológico para justificar uma subsistência (a sua própria e de onde o fenômeno parte); seja nas leituras advindas do campo histórico (BENJAMIN, 2011; OWENS, 2004),

O cerne das colocações acima alcança uma dimensão empírica a partir da proposta curatorial da exposição *O que resta após*, coletiva realizada em 2019 com o acervo da Pinacoteca Ruben Berta (Porto Alegre, 2019). A mostra foi criada por discentes – entre os quais me incluo – do Curso de Especialização em Práticas Curatoriais do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais do Instituto de Artes (PPGAV/IA) – UFRGS.

Além de ser integrante do curso de especialização, a atuação como docente no ensino básico me possibilitou estender o projeto *O que resta após* aos estudantes com os quais dou aula de artes. Estes foram convidados a criar memes para compor leituras do acervo; aqui analiso o encadeamento das referências sensíveis comuns de dois desses memes. A discussão segue problematizando como a popularidade de fenômenos meméticos possibilitam resgates e (re)configurações no senso comum (RANCIÈRE, 2014). Conclusivamente, sob essa perspectiva, o meme, num impulso alegórico, permite uma reciclagem de ideias, de imagens, de eventos que acontecem no âmbito dos dados comumente partilhados.

Algo amiúde

Richard Dawkins (2007), biólogo evolucionista, desenvolveu o termo 'meme' em 1976, no livro *O gene egoísta*, agregando uma discussão a respeito de transmissão cultural. O termo tem suas raízes etimológicas no grego *mimeme*, vocábulo para imitação, e *mimneskesthai*, memória. A memética, estudo aplicado ao meme apresentado pelo biólogo, diz que as ideias produzidas em sociedade são correlatas à replicação genética, no qual o gene, unidade mínima de memória, copia e repassa informações. O conceito de agente replicador e a analogia entre meme e gene estão na base das formulações deste estudo.

Os memes podem possuir em si complexos de unidades comunicacionais maiores ou menores; por exemplo, a popularidade alcançada pela *Pop Art* nas décadas de 1960/70; e influência na formação individual de outros artistas e estilos poéticos. Trata-se de um termo que não tem uma extensão específica. É fortuito procurar ligações entre essas unidades para identificar se constituem um mesmo meme ou outros distintos. Na definição do estudo de replicação do meme, Dawkins (2007, p. 112) coloca três qualidades responsáveis por um alto valor de replicação memética: longevidade, fecundidade e fidelidade de cópia; e devido às variações próprias da replicabilidade, a identidade das cópias não se garantem idênticas, ou seja, os memes são oportunos às mutações.

Pesquisadora em transmídias¹, Limor Shifman (2014, p. 11), defende uma melhor compreensão atual do meme atentando-se à cultura de compartilhamento no ciberespaço da internet. Nesse meio, memes constituem fragmentos de ideias e/ou imagens compondo o comportamento nas redes sociais contemporâneas, como no Twitter, Whatsapp ou Instagram. Espaços que reúnem e conectam milhares pessoas e comunidades.

Shifman (2014) salienta que a replicação e a mutação do meme de internet acontece nos procedimentos (híbridos entre colagens visuais, textos, áudios, etc.), e nas linguagens (como comparações, metáforas, metonímias, etc.), projetando ideias por meio de outras; revelando narrativas e traduções de eventos contemporâneos. Por exemplo, o meme conhecido como *Cavalo de Troia* (Figura 1), que inicialmente foi uma crítica do artista Martin Kozlowski (Stockholm, 1984) ao relacionamento entre o Facebook e o jornal The New York Times - no qual este último é intitulado na figura de Troia (Figura 1 – segundo quadrante). "Os memes de internet podem ser lidos como

um folclore moderno, no qual normas e valores compartilhados são construídos através de artefatos culturais como imagens transformadas, mitos ou lendas urbanas (...)", afirma Shifman (2014, p. 17, tradução livre).

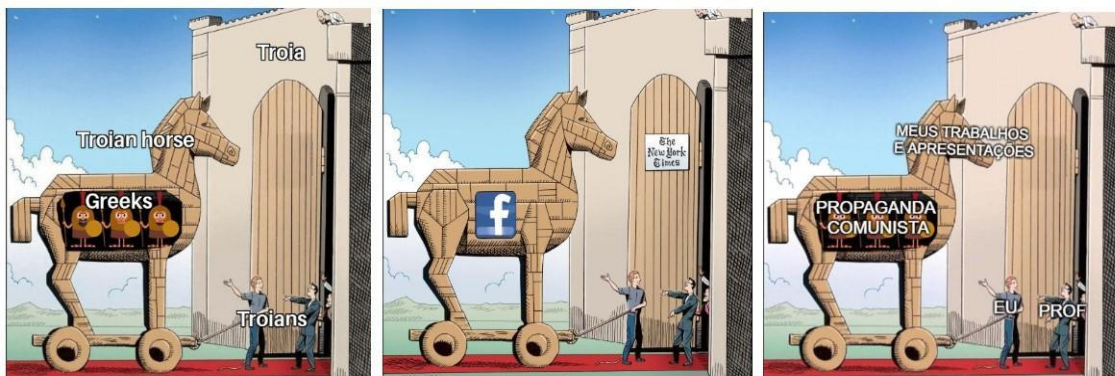


Figura 1: Memes conhecidos como *Cavalo de Tróia*, que se utilizam de uma ilustração do mito grego da Guerra de Troia para alegorizar mensagens de estratégia.

Fonte: Elaborado pelo autor com base no site Know Your Meme. Disponível em: <<https://knowyourmeme.com/memes/trojan-horse-object-labels>>. Acesso em: Mai. 2020.

No eixo do compartilhamento, o meme depende da sua capacidade em promover identificação – de modo genérico ou em nichos – na partilha do pensamento coletivo, ou seja, no senso comum (SHIFMAN, 2014, p. 13). Quase sempre, por expressões irônicas e humorísticas das ideias, a identificação acentuada de uma replicação cultural em um nicho social significa mais tempo de circulação nas mídias. Logo, resulta em mais cópias e mutações de si para próximas réplicas em um processo colocado por Shifman (*ibid*, tradução livre) como: “ (...) valores simbólicos internos em determinados nichos culturais que se replicam até chegar em outros nichos.”. É quando o estudo da memética afirma que ideias também podem admitir uma linguagem viral, sendo transmitidas por “contágio”, “viralizando” e determinando percepções. “Quando você planta um meme fértil em minha mente, você literalmente parasita meu cérebro, transformando-o num veículo para a propagação de meme, exatamente como um vírus pode parasitar o mecanismo genético de uma célula hospedeira.” (DAWKINS, 2007, p. 124).

As ideias de replicação e compartilhamento são atraentes, pois permitem visualizar traduções súbitas daquilo que acontece e ordena o meio social atual – digital ou não. O meme na internet se dispersa por meio de procedimentos e linguagens, rapidamente, carregando pequenas unidades culturais, de pessoa para pessoa

estruturando aquilo que é comumente identificável. E na sua condição de tradução para se expressar e garantir identificação nas pessoas, busco estudar suas ironias, metáforas e questões técnicas traduzidas em imagens e textos. De modo que recorro a estrutura expandida da alegoria, que abarca esses processos que expressam ideias por meio de outras.

Impulsionar o meme

Desde interpretações de mitos gregos, passando por textos litúrgicos religiosos até a celebração de festividades folclóricas brasileiras, a alegoria expressa a sociabilidade comum da humanidade. E sobre pensamento alegórico, Walter Benjamin (2011) teoriza o conceito entre a sua origem e estrutura. O filósofo recorre principalmente ao campo tradicional da linguagem (ao teatralidade de textos antigos e clássicos) e afirma que "(...) a expressão alegórica nasceu de uma curiosa combinação de natureza e história." (BENJAMIN, 2011, p. 178). Compreende-se essa natureza como essência no sentido intuitivo, do âmago expressivo das coisas; história dentro de uma representação contratual simbólica humana. "(...) Alegoria é ambas as coisas, convenção e expressão, e ambas são por natureza antagonísticas." (*ibid.*, p. 186). Desse modo, Benjamin investe que, no pensamento adverso alegórico, "cada personagem, cada coisa, cada relação, pode significar qualquer outra coisa." (*ibid.*).

A partir dessas observações acima e outras investigações de Walter Benjamin, Craig Owens (2004) admite a prática alegórica de modo a ser pertinente no meme. No texto *O impulso alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo*, o crítico argumenta que a prática alegórica na arte contemporânea se encontra "(...) tanto como uma atitude quanto uma técnica, uma percepção quanto um procedimento" (OWENS, 2004, p. 114), na qual "artistas geram imagens por meio da reprodução de outras imagens" (*ibid.*). "A imagem apropriada pode ser um *film still*, uma fotografia, um desenho: é com frequência ela própria uma reprodução." (*ibid.*, p. 115). Essas afirmações elucidam não só uma imagem imediata, mas também a estrutura sensível comum de onde é apropriada; paralelos percebidos no meme.

Owens (2004) apresenta o impulso alegórico como atitude, se colocando ao lado da imagem – da ideia, do texto, da técnica – e se manifesta em prol/contra sua (des)valorização, revelando-a uma segunda vez, uma terceira e assim por diante. Tal como no meme ou na alegoria, o impulso procura submeter um (re)significado da imagem à mesma divisão de sua convenção, antes já submetida na concepção inicial, como uma metáfora de si mesma – que se retroalimenta. Nesse sentido, é válido pensar que esse impulso é algo que está entre o rito do fágico² (iconofagia,

autofagia/antropofagia cultural) e a gradação dos fenômenos³ (estriamento, sequenciamento, rito). Essa colocação entra como incentivo para olhar o impulso como algo híbrido que possibilita a mutação do meme. Por conseguinte, no eixo da replicação, é uma ideia da ideia que pode, assim, ressoar e destoar de onde parte. O meme aposta nas referências simbólicas e nas convenções antecedentes para se impulsionar e garantir uma tradução e identificação com retorno, se vitoriosamente, em grande número.

Atribuir um motivo alegórico ao meme anexa outro sentido à partícula cultural, ele não anula, mas ativa o seu antecedente. Ou seja, é uma interpretação aplicada ao meme que circunda e expande o conjunto de significados de um evento, ou de uma imagem. Para observar essa colocação, recorro para a factual reivindicação da Antifa, grupo antifascista, que ganhou status de meme (Figura 2). O contexto é o exato agora, quando escrevo este artigo, junho de 2020 (Figura 3): o meme *antifa* tomou impulso nos tensionamentos políticos e sociais, ao redor do globo, em meio à pandemia da Covid-19. A sua propagação consolidou-se, principalmente, na esteira da massiva indignação ao assassinato de George Floyd nos EUA; no Brasil, com a morte do garoto Miguel Otávio; ambos vítimas de racismo estrutural (SACONI, 2020).



Figura 2: Da esquerda para direita: ícone original Antifa (Ação Antifascista, do alemão Antifaschistische Aktion) seguido de suas variações meméticas.

Fonte: Montagem do autor com base no jornal O Globo. Disponível em:

<<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-origem-da-bandeira-antifascista-espalhada-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em: Jun. 2020.

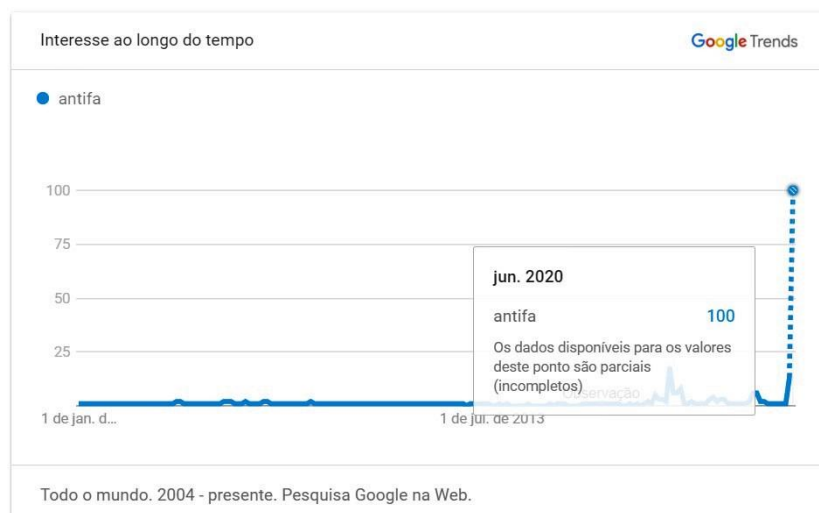


Figura 3: Google Trends que analisa a tendência ligada à Antifa, na disposição tempo vs milhões de citações.

Fonte: Google Trends. Disponível em:

<<https://trends.google.com/trends/explore?date=all&q=antifa>>. Acesso em: Jun. 2020.

Ao mesmo tempo que *antifa* remonta à história do movimento antifascista – iniciada nos anos 1920 e segue até hoje lutando contra qualquer meio de opressão discriminatória e de abuso de poder –, ele também manifesta intersecções de identificações sociais em um levante alegórico de bandeirinhas juninas virtuais. No entanto, não é seguro afirmar que todos que se apropriaram do imaginário hasteado, coadunam com os postulados da Antifa. “O imaginário alegórico é um imaginário apropriado; o alegorista não inventa imagens, mas as confisca. Ele reivindica o significado culturalmente, coloca-a como sua intérprete.” (OWENS, 2004, p. 114). Owens aponta que esse aspecto dialético “(...) não restaura um significado original que possa ter sido distorcido; a alegoria não é hermenêutica.” (ibid.). Afinal, é um conjunto de informações, uma vez como dispersão cultural, permanece junto e além nas mutações da imagem.

No sentido de imaginário, um relacionamento de sensibilidades semelhantes, é notável como o meme de internet circunda um domínio próprio, por exemplo, entre os jovens de dez a dezesseis anos. Atuando como professor de artes do ensino básico no Colégio Vicentino Santa Cecília, Porto Alegre, percebo como as referências de memes estão presentes na comunicação coletiva de estudantes dessa faixa etária. Por vezes, são mensagens utilizadas como um codificador entre alguns alunos; outras, são como enredos comuns a todos.

Como já mencionado, os memes promovem relacionamento de modo genérico ou em nichos (SHIFMAN, 2014, p. 13). Eles fomentam diálogos entre estudantes, no geral, com diversos campos de construção de sentido. Os alunos se inspiram em músicas, notícias e distintas manifestações que habitam o cotidiano social para criarem memes em imagens ou em áudios e assim compartilham em suas redes sociais. As replicações meméticas na internet são enunciados de elementos textuais e imagéticos, bem como inúmeras outras linguagens poéticas, resgatados e projetados no devir (SHIFMAN, 2014, p. 18).

Os memes voltam-se às expressões poéticas e intertextuais da atualidade, de modo a estarem presentes em salas de aula e exposições (Figura 4). Essa presença nos ambientes de conhecimento possibilita a oportunidade de um vasto campo de reflexão do momento histórico em que vivemos. É um passo para melhor estudar os memes, e as coisas que se enunciam a partir deles (Figura 5).



Memes saem da internet, vão para museus e ganham status de obras de arte

Artistas e críticos aderem ao estilo como nova arena de debate e produção

Figura 4: Título de artigo jornalístico da Folha de São Paulo.

Fonte: Jornal Folha de São Paulo. Disponível em:

<<https://www1.folha.uol.com.br/ilustrada/2019/04/memes-saem-da-internet-vaio-para-museus-e-ganham-status-de-obras-de-arte.shtml>>. Acesso em: Mai. 2020.



Figura 5: Frame do vídeo-meme-obra *Memelito* (2019), realizado pelo perfil de Instagram @saquinhodelixo (São Paulo/BR, 2018) para a exposição *À nordeste*, 2019 (curadoria de Bitu Cassundé, Clarissa Diniz e Marcelo Campos), no Sesc 24 de maio de São Paulo. Lê-se na imagem: “precisamos admitir: a nossa crise também é estética.

Fonte: Site da UFRGS. Disponível em: <<https://www.ufrgs.br/conectartbr/artistas-e-hiperconsumidores-nas-redes-sociais/memelito1-552x420/>>. Acesso em: Mai. 2020.

O que resta após: impulsos

Em uma extensão empírica desta pesquisa, que em seguida analiso dois memes, retomo o impulso daquilo que está entre o fágico e a gradação dos acontecimentos. Isso se deve a percepção de que os eventos acontecem, de fato, dentro das suas contingências. Pois, além de trabalhar em sala de aula como professor de artes, também estou presente em outras salas como estudante do Curso de Especialização em Práticas Curatoriais do PPGAV/IA – UFRGS. Na transição de salas de aula, com papéis de estudante e professor – um alimentando e sustentando o outro –, assinalo o meme como objeto de estudo.

No decorrer da formação da turma na Especialização, surge a oportunidade de uma curadoria coletiva (na divisão de três grupos⁴) para atuar no acervo da Pinacoteca Ruben Berta, resultando, por sua vez, na exposição *O que resta após* (2019). Do acervo, majoritariamente composto por pinturas academicistas e modernistas, o grupo que integrei defende a seleção de obras a partir da temática do retrato; no sentido de uma curadoria dentro do propósito de (des)conectar aspectos tradicionais e vigentes ligados a esse gênero. O grupo elaborou a proposta partindo da ideia comum de que todos possuem algum tipo de retrato (fotos/desenhos de si, de amigos, familiares) e que atualmente todos fazemos *selfie*⁵. Assim, acreditou-se na possibilidade de exercitar visualidades heterogêneas e mutantes do retrato⁶, sendo uma delas como meme.

Dos retratos selecionados no acervo Ruben Berta, a proposta da sala de aula da Especialização estendeu-se até as salas de aula do ensino fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos) e ensino médio (1º ano) do Colégio Vicentino Santa Cecília. Propus aos alunos uma elaboração intuitiva de memes com as imagens das pinturas. Não forneci contexto algum sobre as imagens, apenas orientei que eles utilizassem as suas referências de memes para criar um outro, para assim expressar as suas personalidades individuais, como se fossem autorretratos. Prontamente e muito animados, os alunos se apropriaram e interferiram em alguns dos retratos impressos em A4. Sob o título *Mimeses*, 2019, 158 imagens foram criadas⁷ e expostas⁸ na mostra *O que resta após*.

Sintetizando o contexto da exposição, o diálogo geral exercitou uma leitura atualizada das obras do acervo. A diversidade de obras e interpretações, na totalidade do fluxo salas-de-aula-exposição, é semelhante à pluralidade que caracteriza todos os estudantes envolvidos, do colégio e da universidade. Não obstante as potentes discussões entre os espaços pedagógico e expositivo, me interessa a pensar, então, o que está após a mostra dos memes dos estudantes: as suas enunciações. Certo de que cada meme criado traduz fortes problematizações, faço o esforço de não deixar o texto extenso trazendo dois exemplos.

Primeiramente, o meme *Hoje eu acordei assim: perplexa com o racismo* (Figura 6), feito por uma aluna negra de quatorze anos, então no 8º ano do ensino fundamental. Na sua intenção, a estudante buscou se apropriar da feição da obra de *A mulata* (1967), de Di Cavalcanti (Rio de Janeiro/BR, 1897 – 1976), dando a ela uma conotação sensível e política a partir da inserção de uma frase de autoria própria, mas com referência na expressividade memética. Retirada do fundo ornamental e colada em fundo de cor rosa, a feição da mulher ganha sentido alegórico na grafia manual das letras em maiúsculo, pontuada com três exclamações.



Figura 6: Da esquerda à direita: imagem digitalizada do meme *Hoje eu acordei assim: perplexa com o racismo*; Di Cavalcanti, *A mulata*, 1967, óleo sobre tela, 100 x 65 cm

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Catálogo da Pinacoteca Ruben Berta. Disponível em: <https://issuu.com/flaviokrawczyk/docs/catlogo_pinacoteca_ruben_berta>. Acesso em: Mai. 2020.

A referência vem de uma série de memes que circulam na redes sociais e utilizam do contexto primário *hoje eu acordei...*, completando uma características de uma personalidade, ou de um humor específico. O uso dessa expressão, por sua vez, vem do refrão da música *Flawless* (2014), *hit* da cantora estadunidense Beyoncé (Houston/EUA, 1981), que diz: “*I woke up like this; We flawless, ladies tell 'em*” (*Eu acordei assim; somos perfeitas, garotas, digam a eles* – tradução livre) (Figura 7).



Figura 7: Da esquerda à direita: meme *hoje eu acordei dadaísta...* e meme *I woke up like this flawless*.

Fonte: Montagem do autor com base no perfil do Twitter Artes da Depressão. Disponível em: <https://twitter.com/artes_depressao/status/722774056517251072>. Acesso em: Mai. de 2020.

Ainda observando o curso referencial do meme *Hoje eu acordei assim...*, Beyoncé revela que a composição da sua música foi inspirada no discurso feminista da escritora Chimamanda Ngozi (Enugu/NG - 1977): *We should all be feminists* (*Todos nós deveríamos ser feministas* – tradução livre) (2012) (MAY, 2013). A música é então apropriada e adaptada nos memes, difundindo identificação e subvertendo uma hegemonia, muitas vezes, acadêmica ou autoral.

O outro meme exposto na exposição foi idealizado por um estudante autista de 16 anos, do 1º ano do ensino médio. Uma vez que havia impressões de diversos tamanhos, aqui (Figura 8) o aluno escolheu imagens do *Busto de jovem* (1889), de Pedro Américo (Areia/BR, 1843 – Florença/IT, 1905) para fazer colagens justapostas, escrevendo *Is this real life?* (*isso é vida real?* – tradução livre).

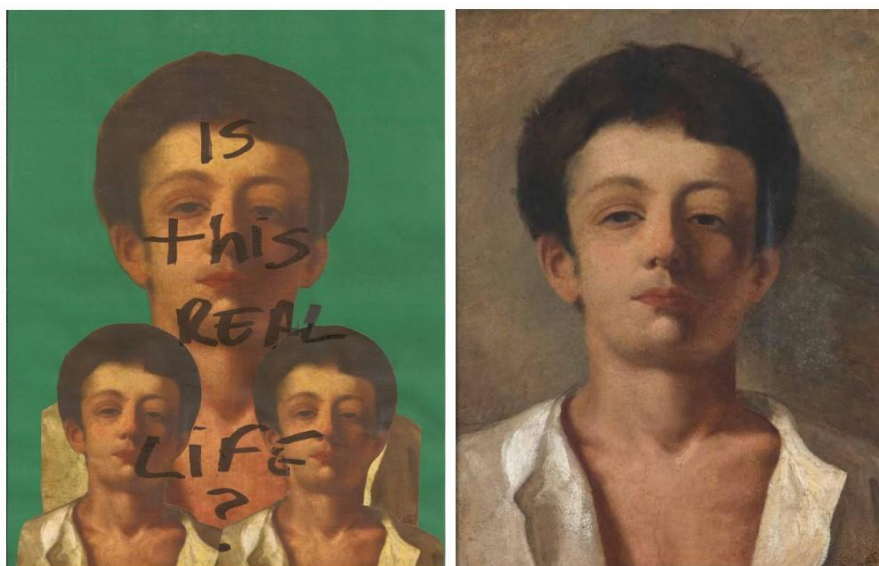


Figura 8: Da esquerda à direita: imagem digitalizada do meme *Is this real life?*; Pedro Américo, *Busto de jovem*, 1889, óleo sobre tela, 45,5 x 33 cm

Fonte: Elaborado pelo autor com base no Catálogo da Pinacoteca Ruben Berta. Disponível em: <https://issuu.com/flaviokrawczyk/docs/cat_logo_pinacoteca_ruben_berta>. Acesso em: Mai. 2020.

Sobre um fundo verde, o sentido da frase acerca da feição repetida do busto pode indicar uma repetição anestésica da ordem rotineira da vida, ou mesmo como o próprio meme pode ser inconstante na contemporaneidade. Segundo o aluno, a imagem representa a sua “ideia de que a realidade está sempre em vertigem”. Dessa sua colocação: seria um registro atualizado do estudante pela obra, ou vice-versa? Na inversão do *Busto de jovem* por *A mulata*, ainda funcionaria uma adaptação do *Is this*

real life na expressão do jovem? Indagações que voltam-se à capacidade de reivindicação – ou mesmo mutação - de sentido presente no meme como impulso alegórico.

A referência do estudante do ensino médio vem de um vídeo no qual se mostra a reação de uma criança, saindo de um consulta no dentista, sob efeito de uma anestesia (Figura 9). Além de questionar a vida, no vídeo, o garoto também pergunta: *Why is this happening to me?* e *Is this going to be forever?* (*Por que isso está acontecendo comigo?* e *Isso durar para sempre?* - tradução livre). O clipe é conhecido por ter recebido mais de três milhões de visualizações em três dias, tornando-se o segundo vídeo mais visto do YouTube em 2009; sendo que hoje tem 130 milhões de acessos (HOLMES, 2009). A popularidade desse meme, há onze anos, garante uma ocupação sensível no pensamento coletivo e assim permitiu acesso por parte do estudante durante a aula e projetar uma leitura anônima de como se percebe na sociedade.

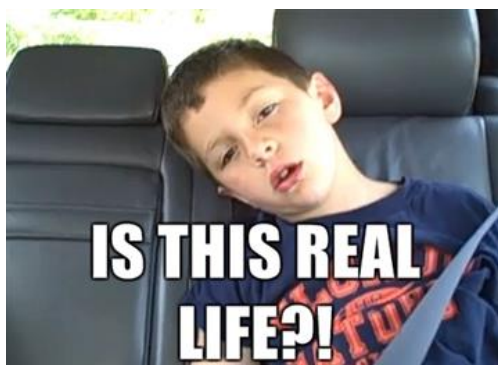


Figura 9: Meme *Is this real life*

Fonte: The Wall Street Journal. Disponível em: <<https://blogs.wsj.com/digits/2009/02/09/how-a-dentist-visit-became-a-youtube-hit/>>. Acesso em: Mai. de 2020.

A atitude alegórica dos estudantes é percebida nos encadeamentos intertextuais das referências. Com efeito *a posteriori*, tal posicionamento pessoal difere da lógica de cópia e original, ou origem e repetição. “Na estrutura alegórica, portanto, um texto [uma imagem, um pensamento] é lido através de outro, embora fragmentária, intermitente ou caótica possa ser a sua relação; o paradigma para o trabalho alegórico é, então, o palimpsesto.” (OWENS, 2004, p. 114). O meme envolve e reverbera as intuições de uma sensibilidade (comum ou não). Assim, as replicações de fenômenos tornam-se questão para pensar como elas (re)configuram as narrativas do senso comum.

Manifesto

Em uma discussão vinculada à representatividade e efeito da prática artística editorial e digital, os artistas Leonardo Felipe e Jorge Bucksdricker elaboram a publicação *Correrio* (2019). Reunindo mais de trezentas expressões poéticas, a dupla procura manifestar de que forma o meme pode ser fator que (re)estrutura o senso comum.

Felipe e Bucksdricker (2019) reforçam o caráter fragmentário do meme na imaterialidade da internet e com isso leva ao alto volume de compartilhamentos. O que, conseqüentemente, garante aos dizeres dos memes uma ocupação na episteme coletiva. A dupla diz que essa episteme tem por autoria hegemônica, principalmente, a estrutura *cis-hetero-patriarcal* de poder econômico, na qual, articulações imbricadas repetidas vezes, estruturam o racismo, o sexismo e o capacitismo, por exemplo.

De um lado, o apócrifo meme. O mutante meme. Com sua lógica corrosiva e sua vertiginosa adaptabilidade. De outro, as autorias não autorizadas. (...) O autor do meme recolhe seus materiais do imaginário da cultura de massas comentando temas quase simultaneamente a seus acontecimentos. Trata-se de um signo mutante: mimetismo-criativo-tecnológico. (FELIPE; BUCKSDRICKER, 2019, p. 20-21).

A replicação cultural na vocação digital é ingovernável, o que permite anonimato de circulação, revisão e mutação de quem estrutura o saber normativo do coletivo para o próprio coletivo, dizem os artistas. É sobre como a cultura de compartilhamento no ciberespaço afeta, não apenas a estrutura da partilha comum, mas também quais sensibilidades têm representatividade no senso comum.

Observando Rancière (2014, p. 99), “senso comum é, acima de tudo, uma comunidade de dados sensíveis: coisas cuja visibilidade considera-se partilhável por todos (...), é também forma de convívio que liga indivíduos nessa comunidade primeira que entre palavras e coisas”. O meme na internet compreende uma instantaneidade para multiplicar e (re)comunicar eventos em nichos sociais, recorrendo à intersecção de signos públicos e sensíveis para uma maior identificação diversa no coletivo. Trata-se, então, de um sistema de informação político-estético⁹, no qual se manifesta “a forma de convívio que liga indivíduos ou grupos com base nessa comunidade primeira entre palavras e coisas” (*ibid.*).

A replicação cultural como impulso anônimo do senso comum é impulso de si para si mesmo; resgate da ação coletiva na difusão de (novas) sensibilidades, por vezes, sem espaço de expressão. Assim como o meme *antifa*, agora, massivamente conhecido, é

válido na sua dispersão social, pois promove a existência de uma resistência antifascista e garante identificação de conteúdo que informa sobre o contexto da luta. A questão não “ (...) é opor a realidade a suas aparências, É construir outras realidades, outras formas de senso comum.” (*ibid*) . A expressividade coletiva na sociedade assegura “(...) operações de reconfiguração da experiência comum do sensível” (*ibid*, p. 63). Isso, pois

(...) há uma estética da política no sentido de que os atos de subjetivação política redefinem o que é sensível [visível, audível, legível], o que se pode dizer dele e que sujeitos são capazes de fazê-lo. Há uma política da estética no sentido de que as novas formas de circulação da palavra, de exposição do visível e de produção dos afetos determinam capacidades novas, em ruptura com a antiga configuração do possível. Há, assim, uma política da arte que precede as políticas dos artistas, uma política da arte como recorte singular dos objetos da experiência comum, que funciona por si mesma, independentemente dos desejos que os artistas possam ter de servir esta ou aquela causa. (RANCIÈRE, 2014, p. 63).

Ligados à ideia de dados sensíveis, os memes, de modo geral, garantem repositório de conhecimentos partilhados entre grupos sociais. Ademais, eles preenchem as telas dos dispositivos usados cotidianamente por uma parcela expressiva da população mundial. Apoiando-se nas possibilidades de replicação, identificação e compartilhamento, principalmente das plataformas digitais, os memes são capazes de alegorizar e (re)pensar manifestos coletivos de conhecimentos. Por conseguinte, retroalimentando-se em estruturas de sensibilidades, a expressividade memética institui o modo como, por exemplo, agrupamentos de estudantes ou como indivíduos anônimos produzem e recebem outros espaços de compartilhamento cultural – seja em grupos de Whatsapp, em exposições ou em salas de aula.

Considerações finais

Estudar memes é adentrar ao território emergente das linguagens e fenômenos culturais contemporâneos. Uma vez correlacionado com o axioma da genética, os memes podem ser compreendidos como replicações (auto)referenciais de eventos e mutações culturais. Contudo, ao olhar para uma concepção corrente, os memes no ciberespaço são capazes de visualizar, traduzir, promover identificação e mutação (contra-hegemônica) do meio social de agora.

Tal capacidade está alicerçada no âmbito alegórico, que impulsiona uma ideia por meio de outra. Como sugerem os estudos de Owens (2004), pensa-se a projeção da imagem, não só da imagem imediata, mas também do grupo de sensibilidades de onde é projetada/apropriada. Para poder observar essa noção de estrutura sensível apropriada, me apoio na relação discente-docente e na oportunidade de curar pinturas do acervo da Pinacoteca Ruben Berta, presentes na exposição *O que resta após*. Na qual busquei incentivo dos estudantes do Colégio Vicentino Santa Cecília, que criaram memes com retratos do acervo. Na análise de memes de dois estudantes, chega-se ao ponto de reflexão de como os memes, resgatados de uma reserva de dados sociais comuns, podem influenciar na organização política e estética de uma episteme coletiva.

O impulso alegórico no meme possibilita que as ideias comuns da sociedade sejam (re)quantificadas e (re)qualificadas. O conceito funciona como intertextualidades, carregando, no seu interior, os discursos da trama cultura, podendo ser mais diversa e menos rígida. Insisto na estrutura alegórica, porque com ela, o meme – tal qual os fenômenos analisados por Benjamin (2011, p. 233) – “(...) pode assimilar, com substância própria, os materiais que lhe são oferecidos pelas condições históricas da época.” Memes, especialmente na internet, garantem a diversidade espontânea de ideias capaz de editar elementos sensíveis e comuns, presentes na sociedade de hoje.

Notas

¹ Termo contemporâneo em que se discute o interconexão de diversas expressões midiáticas (textos, imagens, áudios, etc.) em poliprocessos multimodais em si (*mashup*, remix, apropriação e/ou adaptação cultural) (SHIFMAN, 2014).

² Aqui, creio ser possível fazer um paralelo à concepção de ouroboros: figura circular, muitas vezes serpentiforme, que paradoxalmente se alimenta de si mesma. Ilustra o ponto inicial e final partindo da mesma posição. Simboliza o ciclo (im)permanente das coisas, o perpétuo retorno ou reconstrução.

³ Também creio ser viável relacionar com a figura da matrioska: objeto de madeira, geralmente na configuração de boneca, que se separa no meio, de cima para baixo, para revelar uma figura menor do mesmo tipo por dentro, que, por sua vez, tem outra figura por dentro e assim por diante. Representa a relação de hereditariedade, de sucessividade ou piramidal.

⁴ Uma metodologia colaborativa esteve sempre presente, o que possibilitou a formação de três grupos de estudos para o projeto curatorial. Um deles sublinhou o cotidiano e a rotina entre as obras, revelando a poética do ordinário; outro procurou traçar uma perspectiva decolonialista, apontando o lugar dominante das pinturas, contrapondo com o líquido do contemporâneo, intuindo contrastar dissonâncias entre as representações; o terceiro grupo – cujo fui um dos integrantes, procuro enunciar particularidades do próprio processo – propôs uma atualização dos retratos do acervo. Para mais informações acessar o catálogo da exposição: <https://www.ufrgs.br/praticascuratoriais/wp-content/uploads/2020/07/Catalogo-O-que-Resta-Apos.pdf>

⁵ Fotos de autorretrato tiradas instantaneamente por dispositivos eletrônicos a fim de serem compartilhadas. Trata-se de outro fenômeno muito presente no ciberespaço da internet e das redes sociais.

⁶ Os retratos academicistas e modernistas foram dispostos de modo a criarem suas próprias narrativas sobre diversidade e representatividade não regimental, apoiando a (re)leitura dos memes pelos jovens estudantes. Na mesma estrutura, a artista convidada Verônica Vaz (Porto Alegre, 1991) apresenta *Filter device* (2019), videoperformance que representa sobreposições de filtros de *selfies*, fazendo colagens de figuras no rosto até a desconfiguração do seu autorretrato.

⁷ Creditados como Estudantes do ensino fundamental II (6º, 7º, 8º e 9º anos) e ensino médio (1º ano) do Colégio Vicentino Santa Cecília, os nomes foram salvaguardados a pedido da instituição.

⁸ As criações foram digitalizadas e editadas em cinco vídeos configurados em *looping* de 4'30" cada, expostos em porta-retratos digitais, suspensos na parede. Tendo claro que a disposição e configuração da exposição em si garante mais discussão, procuro aqui sintetizar os elementos para pensar a replicação cultural na atualidade e suas singularidades.

⁹ "(...) atividade política, que cria formas de enunciação coletiva. (...) Enquanto a política propriamente dita consiste na produção de sujeitos que dão voz aos anônimos, a política própria à arte no regime estético consiste na elaboração do mundo sensível do anônimo, dos modos do isso e do eu, do qual emergem os mundos próprios do nós político." (RANCIÈRE, p. 65).

Referências

BENJAMIN, Walter. **Origem do drama trágico alemão**. Tradução João Barrento. 2. ed. São Paulo: Autêntica, 2011.

DAWKINS, Richard. **O gene egoísta**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

FELIPE, Leonardo; BUCKSDRICKER, Jorge. **Correrio**. Tradução Mônica Hoff. São Paulo: Nunc Edições de Artista, 2019. Disponível em: <https://issuu.com/leo_felipe/docs/correrio_visualizac_a_o>. Acesso em: Mai. 2020.

HOLMES, Elizabeth. How a Dentist Visit Became a YouTube Hit. **The Wall Street Journal**. 09 Fev. 2009. Disponível em: <<https://blogs.wsj.com/digits/2009/02/09/how-a-dentist-visit-became-a-youtube-hit/>>. Acesso em: Mai. 2020

MAY, Kate. Beyoncé samples Chimamanda Ngozi Adichie's TEDx message on surprise album. **TEDx**. Dez. de 2013. Disponível em: <<https://blog.ted.com/beyonce-samples-chimamanda-ngozi-adichies-tedx-message-on-surprise-album/>>. Acesso em: Mai. 2020

OWENS, Craig. O Impulso Alegórico: sobre uma teoria do pós-modernismo. **Revista do Mestrado de História da Arte EBA UFRJ**, Rio de Janeiro, 2º semestre. 2004.

RANCIÈRE, Jacques. **O espectador emancipado**. Tradução Ivone C. Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 2014.

SACONI, João Paulo. Conheça a origem da bandeira antifascista espalhada nas redes sociais. **O Globo**. 06 Jun. 2020. Disponível em: <<https://blogs.oglobo.globo.com/sonar-a-escuta-das-redes/post/conheca-origem-da-bandeira-antifascista-espalhada-nas-redes-sociais.html>>. Acesso em: Jun. 2020

SHIFMAN, Limor. **Memes in digital culture**. Londres: The MIT Press, 2014.

Lucas Vilela Souza

Cursando Especialização em Práticas Curatoriais (PPGAV / IA) pela UFRGS e licenciado em Artes Visuais pela mesma instituição. É professor de artes no ensino básico do Colégio Vicentino Santa Cecília e pesquisador no coletivo OM-LAB (UFRGS-CNPq). Como arte-educador, pesquisador e curador independente, se interessa pelo pensamento alegórico e pelos signos pertencentes aos códigos coletivos e sensíveis da sociedade. Contato: souza.vilela.lucas@gmail.com .